



O MAL ESTAR DO CORPO EM DEGRADAÇÃO

NELE GONÇALVES DURÃO

RESUMO

A idéia deste trabalho surgiu a partir da leitura do texto “O mal-estar na civilização, de Freud no momento em que ele cita três fontes pelas quais o sofrimento pode ameaçar o homem: pela fragilidade do próprio corpo que está condenado à decadência e à dissolução, pelas forças da natureza e pelo relacionamento com outras pessoas.

Entretanto, o objetivo deste artigo é pesquisar e refletir sobre possíveis impactos causados no ser humano pelo primeiro exemplo que é o corpo que vem a ser degradado com o tempo, sendo abordado como fonte de preocupação e angústia.

Para isso, propõe-se um estudo sobre algumas formas em que o corpo é mencionado na psicanálise, utilizando Freud e Lacan como referenciais teóricos principais.

Palavras-chave: Corpo; mal-estar; fragilidade; angústia

EL MALESTAR DEL CUERPO EN DEGRADACIÓN

RESUMEN

La idea de este trabajo surgió después de la lectura del texto “El malestar en la cultura”, de Freud en el momento en que habla sobre tres fuentes por las cuales el sufrimiento puede amenazar al hombre: por la fragilidad del cuerpo condenado a la decadencia y a la disolución, por las fuerzas de la naturaleza y por las relaciones con las otras personas.

Sin embargo, el objetivo de este artículo es investigar y reflexionar sobre los posibles impactos causados por el primer ejemplo que es el cuerpo que será degradado con el tiempo, siendo abordado como fuente de preocupación y angustia.

Para eso, se propone un estudio sobre algunas maneras por las que el cuerpo es mencionado en el psicoanálisis, utilizando Freud y Lacan como lecturas principales.



Palabras claves: Cuerpo; malestar; fragilidad; angustia

THE MALAISE IN THE BODY DEGRADATION

ABSTRACT

The idea of this article came up with the reading of the text "The malaise in the civilization, by Freud. There is a moment when he says about three sources where the suffering could threat us: by the fragility of the body that is destined to the decadence

and dissolution, by the nature forces and by the relationship with another people.

However, the goal of this article is research and think about possible impacts caused in the human being by the first example which is the body that is going to be degraded by the time and that causes concern and angusty.

That said, it will be proposed a study about manners which the body is mentioned in the psychoanalysis, using Freud and Lacan as main authors.

Keywords: Body; malaise; fragility; angusty

Em "O Mal-estar na civilização", Freud (1930/1996, p.83), diante da complexidade do mundo humano e sua vida mental, afirma o quanto, para o ser humano, é árdua a sua



tarefa de viver, pois não há como não se deparar com os mais distintos sofrimentos, decepções e realizações impossíveis.

Nesse texto, questões sobre o propósito e as intenções da vida humana são expostas e a resposta parece simples: aquilo que o ser humano mais quer e se esforça para obter é a felicidade. No entanto, o caminho para essa aquisição é constantemente ameaçado e parece não estar incluído nos planos da “Criação”, além de se tratar apenas de uma manifestação episódica.

Já o sofrimento seria menos difícil de experimentar, pois está, constantemente, ameaçando a humanidade. Diante dessa constatação, Freud (1930/1996, p.84-85) destaca, nesta ordem, três direções pelas quais o sofrimento pode nos ameaçar: pela fragilidade do próprio corpo que está condenado à decadência e à dissolução, pelo poder superior da natureza, que pode causar destruições esmagadoras e impiedosas e pelo relacionamento com outras pessoas, que inclui família, Estado e sociedade.

Esta foi uma pequena introdução dessa importante obra de Freud, que tanto contribuiu para muitas reflexões a respeito desse mal-estar que está presente na humanidade e o objetivo desse trabalho é pesquisar e refletir sobre possíveis impactos causados no sujeito pelo primeiro exemplo dessas três fontes que é o corpo como algo que, de alguma forma, vem a ser degradado com o tempo, sendo abordado como uma das causas de preocupação e angústia nos seres humanos.

Para isso, começaremos falando sobre a importância que é dada ao corpo na psicanálise, pois ele aparece em diversos momentos e registros, desde Freud que, com suas históricas que tanto contribuíram para o avanço de sua teoria, mencionava modos em que o sofrimento mental poderia localizar-se no corpo, em forma de conversões, de maneira



que um valor erógeno era atribuído ao órgão em questão e tinha causa determinante em sua disfunção. Nesse caso, uma causalidade dita inconsciente não deixa de ser, portanto, corporal, já que uma inscrição de algo inconsciente pode encontrar lugar no corpo, através de sintomas.

Além disso, Freud confere um lugar importante ao corpo em sua teoria das pulsões, sendo esse considerado a fonte de todo o processo de manifestações pulsionais e ai entrando em jogo também algo da ordem do significante e do corporal.

Alguns anos mais tarde, no percurso de suas investigações psicanalíticas, Lacan (1966/1998, p. 96-103), em seu primeiro ensino, ao retomar a teoria do narcisismo de Freud, faz referência à formação do corpo se desenvolvendo por um processo de construção em que uma imagem, antes fragmentada, passa a ser concluída em sua totalidade através do estágio do espelho que é compreendido como uma identificação a essa imagem, caracterizada por uma reação jubilosa do bebê, que pode acontecer entre o sexto e o décimo oitavo mês de vida. Além disso, graças a uma imagem pode-se estabelecer a relação do organismo com a realidade. Neste momento, nota-se a evidência de prematuração específica do nascimento do homem que, por si só, não se basta, sendo incapaz de se sustentar sozinho e o papel do Outro se torna fundamental, já que com a ausência desse, o bebê corre o risco de perder-se no espelho.

Lacan (1975-76/2007, p.150) acrescenta, no “Seminário 23”, que o sujeito não é um corpo, mas que ele o tem e, para chegar a essa afirmação, argumenta que o corpo não tem qualquer relação com o que permita definir o sujeito, pois esse só se define quando é representado por um significante junto a outro significante.



E se a relação do sujeito com o seu corpo se dá pelo verbo ter e não pelo verbo ser, é preciso que cada um tome posse do próprio corpo. Então, presume-se uma diferença radical entre o fato de reconhecer-se como ser um corpo e a ideia de ter um corpo que precisa ser adquirida. Podemos dizer que aí se encontra o ponto de partida para se perceber que aquilo que o sujeito gostaria de ser e o corpo que ele tem são ideias bem distintas, mas que nem sempre percebe isso. Diante do espelho, ele pode ter essa experiência.

Esses foram apenas alguns exemplos da importância que o corpo tem para a psicanálise, pois penso ser relevante falar do corpo relacionado-o a sua desconstrução, em que, além de estar em constante transformação, fica evidente a sua transitoriedade.

Pensando nisso, podemos recorrer a Miller (1999) na tentativa de fundamentar teoricamente e refletir sobre a efemeridade do corpo, pois em “Elementos de biologia lacaniana” é apontada uma diferença do corpo de um ser vivo em relação a seres inanimados, já que o primeiro pode ser definido por ter um ambiente que é seu e em relação ao qual ele apresenta um comportamento. “Ele tem uma maneira de ser, e é isso que chamamos vida.” (p. 23).

Entretanto, a vida não se reduz ao corpo, pois esse é mortal.

 Todos os corpos são mortais, enquanto que a vida, ela, continua. A vida parece imortal e, nesse sentido, o corpo vivo é apenas uma forma mortal da vida. Mas ele contém, normalmente, um princípio imortal que se transfere a outros corpos vivos (Miller, 1999, p. 43).



Com isso Miller (1999) faz uma distinção entre soma e gérmen, através da identificação deste último ao DNA que remete a algo eterno, que é procriado, fazendo com que a vida transborde o corpo e, no final das contas, “os corpos são apenas *semblants*, artificios do desejo para que a vida se perpetue.” (p. 44).

Mais adiante, o autor ao citar Lacan, faz uma advertência à separação entre corpo e gérmen, ao mesmo tempo em que aponta para a função do gérmen em dar vida ao corpo que está destinado à morte.

Entretanto, há um saber inscrito no corpo por meio do qual a biologia pode ser definida e inclui também fórmulas que podem ser escritas no discurso da ciência. Nesse ponto, supõe-se que o corpo saiba o que é necessário para se manter, para garantir sua sobrevivência e procura sempre, por si só, seu princípio de regulação pelo qual se opera a manutenção da estabilidade. Assim, ele reage diante da entrada de corpos estranhos, como, por exemplo, através de espirros, tosse, vômito, lágrimas...

Esses fenômenos seriam uma ideia do funcionamento das pulsões de autoconservação e quando o saber que há no corpo entra em conflito com as pulsões sexuais (que, como se sabe, também acontecem no corpo), ocorre uma desregulação perturbando uma possível harmonia.

Entretanto, apesar da existência de uma sabedoria no corpo, que preza por uma autorregulação, mostra-se que:

[...] os nervos, os músculos, os órgãos dos sentidos são sensíveis às mais leves estimulações e perturbações, e que a própria estrutura do corpo é extremamente sensível, pois bastam sete ou oito minutos de interrupção na irrigação sanguínea do cérebro para provocar a morte, ainda que aparentemente, não haja estragos



essenciais. Um outro exemplo é o bloqueio da respiração em um afogamento. Isso traduz a fragilidade da estrutura do corpo, contrasta com a eficácia com a qual o corpo mantém a constância de seu meio interior. (Miller, 1999, p. 50).

Diante desse paradoxo, em que se evidencia um saber no corpo ao mesmo tempo em que não há como negar a sua fragilidade, o que dizer desse corpo? Por que seu possível destino à decrepitude tanto amedronta o sujeito e ameaça a sua felicidade?

Lacan (1974/2005), em “A Terceira”, ao indagar sobre informações de etologistas (pessoas que estudam hábitos e costumes dos animais) às quais é suposto que os animais sejam sensíveis àquilo que eles respondem de maneira privilegiada, diz que:

[...] não é uma razão para que imaginemos que o mundo é mundo, o mesmo para todos os animais, se posso dizer assim, enquanto que temos tantas provas de que mesmo a unidade do nosso corpo nos force a pensá-lo como universo não é evidente mundo que ele é, ele é imundo (p.14).

Mais adiante, o autor argumenta que Freud (1930/1916) comenta em “O Mal-estar na civilização” a procedência de toda a nossa experiência e:

[...] que é o corpo, para esse mal-estar, que contribui de um modo que sabemos muito bem animar – animar se posso dizer – animar os animais de nosso medo. De que temos medo? Isso não quer dizer simplesmente: a partir de que temos medo? De nosso corpo. É o que manifesta esse fenômeno curioso sobre o qual fiz um seminário um ano todo e que denominei angústia. A angústia é justamente alguma coisa que se situa alhures em nosso corpo, é o sentimento que surge



dessa suspeita que nos vem de nos reduzirmos ao nosso corpo. (Lacan, 1974/2005, p. 14).

A relação do sujeito com o próprio corpo não é nada simples, já que se trata de um corpo que tem furos. Com isso, é preciso desprender-se da ideia que temos de eternidade, que é um tanto confusa e que, na verdade, ninguém sabe o que é.

Freud (1916/1996, p. 317), ao escrever “Sobre a transitoriedade”, numa época que o mundo vivenciava a Primeira Guerra Mundial, relata as percepções de um poeta, dentre elas, de que tudo aquilo que é belo e perfeito (ele menciona, neste caso, a natureza e a arte) estava destinado à decadência e que, por isso, torna-se destituído de valor. O autor contesta essa afirmação, atribuindo a essas mesmas coisas um valor significativo.

De qualquer forma, talvez influenciado por acontecimentos da época, que incluía inúmeras destruições, o texto fala de luto e do fato que estamos destinados a sofrer perdas, em vários sentidos.

Neste escrito de Freud (1916/1996, p. 319), que apresenta uma forte carga poética, pode-se destacar dois pontos relevantes para esse trabalho: a afirmação de que inúmeras coisas que consideramos imutáveis são efêmeras e o fato de haver um desejo de imortalidade que não pode reivindicar o direito à realidade, por mais penoso que seja.

Percebe-se que essa transformação das coisas também pode ser aplicada ao corpo que, natural ou acidentalmente, se encontra ameaçado por sua própria decrepitude.

No mundo atual, mesmo com inúmeras promessas do discurso da ciência e da indústria farmacêutica sobre longevidade e cura de muitas doenças e a existência de um vasto mercado de próteses e cirurgias plásticas, há um limite que persiste e se restringe. Muitas



vezes, esses discursos aparecem como formas de iludir o sujeito e criar falsas expectativas.

Esse fato leva-se a perceber a ocorrência de uma defasagem entre o corpo que o sujeito gostaria de ter e aquilo que esse mesmo corpo pode oferecer.

Como consequência, há um retorno em forma de frustração pelo fato de o corpo não mais corresponder a um ideal. Trata-se de

[...] uma lesão, um prejuízo que, tal como o hábito de vê-lo se exercer, para seguir a maneira com que o fazemos entrar em jogo na nossa dialética, é sempre um dano imaginário. A frustração é por essência o domínio da reivindicação. Ela diz respeito a algo que é desejado sem nenhuma referência a qualquer possibilidade de satisfação nem de aquisição. A frustração é por si mesma o domínio das exigências desenfreadas e sem lei (Lacan, 1956-57/1995, p. 36).

Diante dessa constatação, que alternativas podem ter o sujeito diante da realidade que o acompanha? O que fazer com o real da angústia? Como preservar a condição de sujeito diante de um destino tão tortuoso? A sublimação poderia dar condição para uma reorientação de objetivos pulsionais?

Um exemplo que poderia contribuir para a reflexão de possíveis destinos consequentes da situação de uma pessoa se deparar com o seu corpo degradado pode ser ilustrado pensando na história de Frida Kahlo (1907-1954), uma famosa pintora mexicana.

Militante comunista, Frida tinha como marca registrada a forma exótica de se vestir, apresentava um comportamento transgressor para a época e uma vida amorosa bastante tumultuada. Ela vivia bem à frente de seu tempo.



Além de ter sobrevivido na infância a uma poliomielite que a deixou com uma lesão no pé esquerdo, aos 18 anos ela sofre um trágico acidente num bonde em que viajava cujo para-choque perfurou-lhe as costas, atravessou sua pélvis e saiu pela vagina, causando-lhe uma grave hemorragia, o que a deixou muitos meses entre a vida e a morte no hospital. Mais de 30 cirurgias foram necessárias na tentativa de reconstruir seu corpo perfurado, obrigando-a a usar coletes ortopédicos de diversos materiais.

Com isso, Frida passa a representar em seu trabalho suas experiências de vida, dores físicas e emocionais e suas frustrações amorosas causadas pelo relacionamento com o também artista Diego Rivera que teve como um dos saldos dois abortos devido ao seu estado de saúde delicado.

Usando a caixa de tintas do seu pai e um cavalete adaptado à sua cama, Frida pintava os coletes que usava, tornando-se obstinada a produzir autorretratos em que aparece com todas as sequelas que o acidente lhe havia deixado. Dizia que pintava a si própria porque se sentia, frequentemente, muito sozinha e que a pessoa que ela conhecia melhor era a si mesma.

Essas observações servem para ilustrar o motivo de seu trabalho ser tão original e diferenciado de seus contemporâneos. Contestava a afirmação de que era surrealista já que não pintava sonhos, e sim, a realidade que a cercava.

Um momento bastante relevante foi quando, impedida por seu médico de se levantar da cama, compareceu à estreia da primeira exposição de seus quadros, chegando numa ambulância, com sua cama em cima de um caminhão e foi carregada por quatro homens para que pudesse estar presente.



Tenta suicídio algumas vezes, devido a sua vida que, apesar de intensa, lhe trouxe inúmeros infortúnios.

Frida morre em 1954, aos 47 anos e teve seu corpo cremado. Consta em seu atestado de óbito que uma embolia pulmonar havia sido a causa de sua morte, mas não se descarta que ela tenha morrido de overdose, já tomava inúmeros remédios, e isso poderia ter sido accidental ou não. Em seu diário estava escrito: “espero que minha partida seja feliz, e espero nunca mais voltar” (Frida, 1954), o que permite a hipótese de suicídio.

No caso de Frida, através de sua arte, tentava simbolizar as infelicidades que a vida lhe havia proporcionado, entre elas, muitas limitações em seu corpo.

A partir desse exemplo que tanto ilustra os rumos que podem tomar a relação de uma pessoa com o próprio corpo, observa-se que, nesse caso, a expressão de angústia através da arte teve uma importância crucial.

Após esse trágico relato, um retorno ao “Mal-estar na civilização”, de Freud (1930/1996), torna-se mais que merecido, já que ele coloca a arte como uma das medidas paliativas para se lidar com os infortúnios da vida, funcionando como uma satisfação substitutiva.

Obtêm-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. Quando isso acontece, o destino pouco pode fazer contra nós. Uma satisfação desse tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial que, sem dúvida um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos (p. 87).

Contudo, apesar de sua eficácia, em que há a intenção de que uma pessoa se torne independente do mundo externo através da busca da satisfação em processos psíquicos



internos, esse tipo de atividade não garante proteção completa contra o sofrimento. “Não cria uma armadura impenetrável contra as investidas do destino e habitualmente falha quando a fonte do sofrimento é o próprio corpo da pessoa” (Freud, 1930/1996, p.87).

Esse texto começa e finaliza citando a mesma obra de Freud em dois diferentes momentos, porém, muitas questões permanecem em aberto para que se possa proporcionar uma reflexão.

Referências



- Besset, V. et al. (2009). *A soberania da clínica na psicopatologia do cotidiano*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Dolto, F. (2005). *A imagem inconsciente do corpo* (2a ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Freud, S. (1996). Sobre a transitoriedade. In J. Salomão (Ed. e Trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 24, pp. 317, 319). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In J. Salomão (Ed. e Trad.). *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 83-85, 87). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Faria, C. (2009). *Frida Kahlo*. Recuperado em 02 julho, 2012, de <http://www.infoescola.com/biografias/frida-kahlo/>
- Frida Kahlo* (n.d.). Recuperado em 02 julho, 2012, de http://pt.wikipedia.org/wiki/Frida_Kahlo
- Frida Kahlo Biography* (n.d.). Recuperado em 02 julho, 2012, de <http://www.fridakahlo.com>
- Hochman P (2009). *El cuerpo y la letra*. Trabalho apresentado em Memória de la III Jornada sobre Psicoanálisis y Psicosis Social, Buenos Aires, Argentina.
- Katz, C et al (2004). *Beleza, feiúra e psicanálise*. Rio de Janeiro: Contracapa.
- Lacan, J. (1985). O Seminário 20. *Mais, ainda* (M. D. Magno Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1995). O Seminário 4. *A relação de objeto* (D. D. Estrada Trad.) (p.36). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1956-1957)



- Lacan, J. (1998). O estágio do espelho como formador da função do eu (V. Ribeiro Trad.).
In Lacan, J. *Escritos*. (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (2005). *A terceira*. (p.14). Recuperado em 12 junho, 2012, em http://www.freud-lacan.com/Champs_specialises/Presentation/A_terceira
- Lacan, J. (2007). Seminário 23. *O sintoma* (S. Laia Trad.). (p. 150). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Lopez, Z. (2011). *Investigación en psicoanálisis*. Aula de Metodologia na Universidad John F. Kennedy, 29 de abril, Buenos Aires.
- Mandil, R. (2010, Julho). Semblantes do corpo. *MOTe*, 1, 5-12. Recuperado em 22 março, 2012, em http://www.ebp.org.br/PDF/Revista_MOTen01_jul_2010.pdf
- Miller, J. A. (1999). *Elementos de biologia lacaniana* (Y. Vilela Trad.). (pp. 23, 43-44, 50). Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise.
- Mucida, A. (2004). *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Soler, C. (2001). *L'en-corps du sujet*. Recuperado em 02 julho, 2012, em <http://xa.yimg.com/kq/groups/22993861/1266617581/name/C.+Soler+L'+en-corps+de+sujet+aula+1.pdf>
- Sternick, M. (2010, Junho). A imagem do corpo em Lacan. *Reverso*, 32(59), p. 31-37.